

TERRENOS TECTONOESTRATIGRÁFICOS DA PLATAFORMA SUL-AMERICANA

Benjamim Bley de Brito Neves¹

¹IGC-USP (bbleybn@usp.br)

SGNE
00

Nos mapas geológicos regionais do mundo, ao longo do século XX, foram ficando gradativamente mais complexos, com dificuldades de integração e interpretação. Por várias razões, a mais importante delas tendo sido a querela entre modelos “geossinclinalistas” (“fixistas”) e “mobilistas” (“plaquistas”). Mesmo num empreendimento como o USGS, tomador de conta de um grande país, o fenômeno inoportuno se apresentou várias vezes. Até hoje, não pudemos afirmar que estas dissensões estejam completamente superadas. Dúvidas sobre a melhor e mais adequada nomenclatura persistem. Os geólogos dos países orientais insistiram em padrões/modelos bastante radicais para o desenvolvimento dos orógenos, consoante teorias “geossinclinais” que, acompanharam e nomearam grande parte das estruturas e feições geotectônicas no do século passado, que só vieram a amenizar e fenecer no final desse mesmo século. A seguir (pós-1950), geólogos e a literatura buscaram exemplos que comprovam a aplicação da “Tectônica de Placas” (começaram em trilhas mais ou menos paralelas) e foram se afastando, buscando exemplos nas províncias estruturais (pré-cambrianas sobretudo), e nestas conseguiram distinguir elementos notáveis da Tectônica de Placas. No final do século passado, estas querelas (“plaquistas” vs. “fixistas”) estavam completamente superadas. Os quesitos e nomenclatura da “Teoria Geossinclinal” desapareceram totalmente. Terrenos Tectonoestratigráficos são blocos (porções, altas e/ou diferentes), limitados geralmente por falhas da estrutura regional predominante na área em observação, e que subdividem frações/estruturais preexistentes. Antes, na linguagem dos fixistas tivemos uma centena de nomes previamente: “maciços”, “maciços medianos”, “maciços marginais”, “blocos”, “frações litoestratigráficas”, “microplacas”, etc. Até que os geólogos do USGS trabalhando em distintas estruturas na cordilheira norte americana, e na parte central dos EUA, chegaram à conclusão que o problema era apenas de nomenclatura (nomenclatura certa ou errada). No Brasil, na África, os termos diversos foram simplificados em uso, e uma sistematização inteligente veio sendo feita. No Brasil, sempre houve um predomínio das designações soviéticas (“geossinclinalísticas”). Os exemplos flagrados no Nordeste, no Centro-Oeste e na Província Sudeste constituíram um reforço importante: no caminho correto da interpretação e no fato de se evitar termos inadequados. Terrenos são blocos limitados por falhas que apresentam litologias (lito-estruturas) diferentes de seus terrenos e blocos vizinho. Estes “altos do embasamento” que receberam nomes diversos de seus vizinhos têm sido considerados pela maioria dos autores do mundo ocidental (presentes em todas as definições e exemplos modernos), principalmente em livros norte-americanos mais modernos. Nas estruturas do Neoproterozoico, as publicações brasileiras mostram definições e exemplos notáveis, inclusive apontando detalhes não rebuscados por outros tectonistas de outros continentes (e.g. depósitos minerais). As províncias estruturais do nosso continente (“sistema de dobramentos em mosaico”), de que falarei (na plataforma sul-americana) somam conjunto notório destas estruturas já (identificadas), que são hoje modelos para outros continentes.

PALAVRAS-CHAVE: TECTÔNICA DE PLACAS; TERRENOS TECTONOESTRATIGRÁFICOS; PLATAFORMA SUL-AMERICANA



29º Simpósio de Geologia
DO NORDESTE

12 a 15 de novembro de 2023 | Campina Grande - PB